

Luís Alexandre de Oliveira

Humanista de mérito

José Couto Vieira Pontes

Escritor, magistrado, sócio fundador da
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras,
detentor de vários prêmios literários nacionais.

Creio ninguém desconheça a inesquecível figura do professor e advogado Luís Alexandre de Oliveira.

Destacou-se, em Campo Grande, com repercussão em todo o Estado (tanto Mato Grosso uno como o atual Mato Grosso do Sul), como educador emérito, cultor do Direito, profundo conhecedor não só da Literatura Brasileira como também da universal, a exemplo de que sua biblioteca particular, ampla e variada, era dotada das mais importantes produções das letras, obras de Filosofia, História e Línguas, além de raridades como a coleção completa do grande historiador italiano Cesare Cantú e obras de autores como Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco.

Nasceu em Teixeira (hoje Viçosa, MG), em 14 de abril de 1903, de origem humilde, filho de Januária Maria de Oliveira, de quem sempre se lembrava, com emoção, pelas dificuldades que esta enfrentou para o sustentar e educar.

Atraída pelo progresso que a região sul de nosso Estado adquirira com a chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, D. Januária para cá se deslocou com seus dois filhos, tendo conseguido a passagem com o engenheiro dr. Antônio Penido, instalando-se em Aquidauana, em 1913, então a cidade mais próspera do sul do Estado.

Posteriormente, a referida cidade perdeu importância com a transferência das oficinas da ferrovia para Três Lagoas. Nessa época, a cidade

que se tornou o ponto de maior importância econômica foi Campo Grande, devendo ser lembrado que Corumbá entrava em decadência.

Campo Grande progredia celeremente, em virtude de seu centripetismo geográfico, como salientava Demóstenes Martins, havendo grandes empreendimentos no local, como a criação do Instituto Pestalozzi, semente do atual Colégio Dom Bosco.

D. Januária fixou-se definitivamente em Campo Grande, em 1923.

Luís Alexandre de Oliveira foi eleito pela Colônia japonesa professor da Escola Visconde de Cairu (entidade mantida por aquela comunidade), onde fez grandes amizades, principalmente com os líderes Oshiro Takemori e José Shimabucuro, a ponto de ter interferido, durante os duros dias da Segunda Guerra Mundial, no sentido de minimizar e até mesmo evitar perseguições a nipônicos aqui residentes. Tal atitude lhe valeu alta comenda outorgada por S. M. o Imperador do Japão, após a guerra.

Chegou a ser auditor da Justiça Militar, em Belém do Pará, ocasião em que recebeu medalha de honra ao mérito, concedida pelo Superior Tribunal Militar.

Advogou por longos anos em Campo Grande, com eficiência e destemor, pois era dotado, não só de vastíssima cultura humanística, como também de invejáveis conhecimentos da Ciência de Carrara.

Ingressou na vetusta Faculdade Nacional de Direito, da Universidade do Brasil, onde estudou com grande dificuldade, recebeu ajuda do famoso professor Hélio Gomes, da cadeira de Medicina Legal, tendo lecionado, com muita aceitação, no Curso de Vestibular da referida entidade, Literatura, Sociologia e Filosofia.

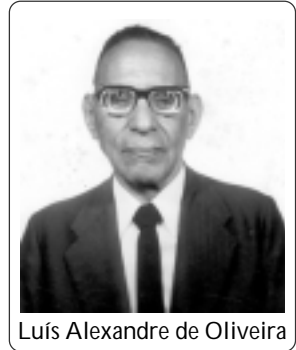
Deputado na Constituinte de Mato Grosso, em 1946, instalada após a deposição de Getúlio Vargas da presidência da República, vice-prefeito na administração do dr. Wilson Barbosa Martins, membro do Rotary Clube de Campo Grande.

Exerceu, por longa data, o mister de diretor do Colégio Osvaldo Cruz, de grande tradição na cidade; adquirindo-o posteriormente, tornou-o a menina de seus olhos, tanto se apaixonara pela instituição.

Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, foi titular da cadeira n. 25, tendo como patrono o poeta Arnaldo Serra. Colaborou

intensamente na imprensa de seu Estado, deixando a substanciosa obra O MUNDO QUE EU VI, editada em 1986.

Luís Alexandre de Oliveira era uma pessoa simples e amável. Irradiava grande simpatia, conquistava amizades com facilidade, e todos que o conheciam se deliciavam ao ouvirem a sua admirável erudição. Seus discursos, em várias ocasiões, eram emocionantes e dotados de grande beleza lírica. Certa vez, no sepultamento de uma personalidade de destaque da sociedade campo-grandense, lembrou que, em escavações em Roma, descobriram um túmulo onde ainda se achavam intactas as flores de um ramalhete, lembrando que os homens sempre prestaram aos mortos as mais comovidas homenagens.



Luís Alexandre de Oliveira

Residia em ampla e bela casa, na Avenida Calógeras, quase esquina com a Barão do Rio Branco e, como era solteiro, reservava várias dependências a advogados amigos que chegavam formados a Campo Grande, tendo, à guisa de exemplo, ali mantido sempre seus escritórios, o dr. Higa Nabukatsu, que se aposentou como desembargador, e o dr. Cândido Fernandes, ex-procurador da Justiça Federal.



Luís Alexandre de Oliveira (ao centro, de terno escuro) em confraternização com a colônia japonesa.

Surpreendi-o, certa vez, fumando charuto, o que achei estranho, pois nunca o tinha visto neste estado. Explicou-me: “Não gosto de fumar em público”.

Gostava imensamente de dar conselhos.

Quando aqui cheguei, após colar grau na mesma faculdade em que ele estudara, no Rio de Janeiro, disse-me: “Você está dizendo, Couto, que ficou admirado com o movimento dos cartórios da cidade. Mas não se iluda. São causas modestas. O advogado come tudo o que se ganha.”

Outro conselho: “Couto, dê mais importância às pessoas que lhe apontarem defeitos que àquelas que hão de bajulá-lo com sua chegada para trabalhar na Advocacia. As censuras são mais valiosas, pois que nos ajudam a corrigir os erros e evitá-los.”

Certa feita, numa solenidade a que compareci, no Colégio Osvaldo Cruz, entre outras belas palavras de fim de ano escolar, ele afirmou: “O Osvaldo Cruz não é nenhum monumento de notável arquitetura e conforto palaciano, mas é a escola da qual os alunos, quando saem, sentem saudades das goteiras.”

Em gesto de incontestável nobreza de espírito, doou, em testamento, a última casa em que residiu, na Rua Rui Barbosa, para sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Faleceu Luís Alexandre em 19 de outubro de 1997.

Infelizmente, não existem mais homens da encarnadura de Luís Alexandre de Oliveira, pois que o mundo mudou. Valorizam-se a aparência e a uniformidade das coisas, de modo que já não se permite a existência de uma consciência livre ou intelectualmente sofisticada. Vivemos um tempo fechado em si mesmo, que teima em clonar-se repetitivamente, paroxístico, e que não admite rupturas, reflexões, estando deserta a ágora da dialética.

Mas, quando os homens públicos do futuro erguerem a estatuária dos heróis deste rincão, que não se olvidem da figura magnânima de Luís Alexandre de Oliveira, para que não se repita o que ocorreu em Roma: “Onde está a estátua de Catão?”

Antologia

Ulisses Serra

Ulisses Serra (Corumbá, 1906 – Campo Grande, 1972) fundou a Academia de Letras e História de Campo Grande. Publicou uma única obra: CAMALOTES E GUAVERAIS (1971).

Maria Bolacha e Josetti

As cidades não se formam e se caracterizam apenas pelos seus prédios, vitrinas, anúncios luminosos, veículos que se entrecruzam, monumentos, canteiros e chafarizes. Forram-se de tradições, costumes, cultura e sensibilidade. Igualmente dos seus tipos populares, paisagem humana a constituir a alma móvel e errante das ruas.

Maria Bolacha e Josetti, de temperamentos opostos, contemporâneos de calçada, engastaram-se na fisionomia alegre e buliçosa da cidade.

A primeira, anciã, morena cor-de-mate, baixa e gorda, olhos verdes, andar de papagaio e de pano à cabeça, personificava o inconformismo, a reação e a luta. Quando a malta de garotos gritava-lhe o apelido, que ela julgava enxovalhante, vinha-lhe à boca o palavrão, vibrava violentamente o chicote que sempre tinha às mãos e perseguia os seus agressores morais. Todos os dias e o dia todo, de ponta a ponta das ruas, era a zombaria dos gravochoes caboclos e a reação permanente e feroz de Maria Bolacha. À tarde, pelo cansaço, com voz fraca e enternecida, ofegante, pedia clemência aos garotos para que não a chamassem *assim*. Eles se condoíam, silenciavam e uma trégua se estabelecia. Súbito, sobrevinha a irreverência, sibilava um novo Maria Bolacha. Também ressoava um novo palavrão, de novo ela vibrava o seu chicote e se arremessava, violenta, contra aqueles diabretes.

Alquebrada pelos anos, extenuada pela luta e já doente, um dia abandonou a arena das ruas e voltou, para sempre, à sua mansarda no sítio nativo, da Mata do Segredo. Mas, enquanto forças teve, disputou o direi-

to às ruas, defendeu sua dignidade e repeliu a rebenque e pedradas a alcunha desmoralizante.

Josetti não era assim. Era um vaganau diferente. De família ilustre, tinha cordura e mansuetude. O riso comedido e o gesto ainda elegante repontavam dos andrajos que o cobriam. Usava oito, dez, doze e mais anéis em cada mão, de latão e pechisbeque, uma verdadeira manopla. Uma revivescência melancólica dos seus tempos áureos de moço de sociedade, quando se acostumara ao linho e à cambraia, à seda e ao perfume francês. Frequentava os bares do centro da cidade mas nada pedia, nem mesmo insinuava que se lhe pagasse isto ou aquilo. Sempre o sorriso, a medida, o escrúpulo que o infortúnio não lograra destruir. Em troca tinha a simpatia da cidade. E até o respeito também. Por duas ou três vezes, boêmios de posse vestiram-no com requintes de elegância e soltaram-no nas ruas para espanto de todos e seu próprio entusiasmo em ver-se como nos dias áureos de outrora.

Daqueles escombros humanos e daquele desmantelamento psíquico vinham momentos de lucidez, intermitentes e fugazes. Instigado, falava da sua vida de contador de primeira plana que fora e dos seus dias de funcionário categorizado das Docas de Santos; mas não fazia praça disso, falava com discrição e medida. Nunca, porém, falava da origem da sua desdita, da fronteira *salerosa* que o afagara e envolvera no *nhanduti* sutil e perigoso dos seus encantos e depois, com incêndios de sangue nas veias e alvoradas de mocidade, não quis aquilo que a escritora mundana e célebre chamara monotonia de um só leito. Indiferente aos frangalhos a que iria reduzir um homem, partiu em busca de outras festas genésicas. Josetti, aturdido, fechou os ouvidos ao conselho do curandeiro a Juca Mulato: “Esquece calmo e forte esse amor que te exaspera, que há um outro amor que espregueira e espera pelo teu...”

E ensandeceu.

Morreu numa madrugada friíssima. Encontraram-no com seus farrapos e seus anéis sob as escadarias do Edifício Korndorfer. Amigos espontâneos, humildes uns, outros de alto coturno social, foram devolvê-lo à terra e mandaram celebrar ofícios religiosos pela sua alma. Um recolheu seus famosos anéis doirados para o museu que a cidade um dia há de ter. Outro, seu conterrâneo da Cidade Branca, pintor de sensibilidade, já o havia fixado numa tela a óleo, que hoje enfeita o escritório de advocacia que o

talentoso Wilson Martins fundou. O artista fez ressurgir daquelas ruínas humanas, daqueles andrajos e anéis, o riso característico e triste do Josetti.

Maria Bolacha simbolizou a resistência moral que o convívio sórdido das calçadas não enodoou. A impropérios e a relho lutou ferozmente contra a chacota, cobrando à turba inconsciente e alegre o seu inalienável direito à liberdade das ruas. Josetti encarnou outro tipo. Dominava a cidade com a origem da sua desventura, com os seus anéis baratos, reflexos do que ele fora outrora, com seu sorriso e sua mansidão. Um *clochard* que, sem o saber, ensinava a todos o fabuloso poder do riso e da bondade.

Argemiro e o ingazeiro

Quando Argemiro Fialho morreu, asfixiado pelas águas revoltas e correntosas das nascentes do Aquidauana, Campo Grande sofreu um forte impacto emocional. A cidade toda se enlutou. Várias homenagens lhe foram prestadas. Outras, mais tarde, quando o seu nome se transformou em nome de rua e de grupo escolar. A Subseção da Ordem dos Advogados afixou uma placa de mármore no fórum para assinalar que ali ele advogara. Convidado para descerrar o crepe que a envolvia e a falar sobre Argemiro, aceitei a primeira incumbência e declinei da segunda, temeroso de a emoção arrebatá-lo o comando da palavra.

Conheci-o dès da nossa adolescência. Mutuamente nos estimávamos e respeitávamo-nos. MINAS DE PRATA, de Alencar, primeiro romance que li, pertencia à estante de livros que seu pai deixara, que ele e sua mãe guardavam com desvelo.

Convenci-o certa vez de, comigo, Augusto Barbato, Pedro Pina e Ubi-rajara Paes de Barros, melhorarmos os nossos conhecimentos de Matemática com o major Manuel Correia de Arruda e Sá, competente professor da matéria, para tentarmos ingresso na escola de capitães-de-longo-curso, fascinados por um edital do Lloyd Brasileiro. Não sei que sonhos de mocidade nos tentaram a conhecer distantes mares e longínquas terras, guiados por cartas náuticas, estrelas e sestantes, e nós próprios a guiar o nosso barco sobre o abismo móvel do encapelado das águas. Todos, com exceção de Pina, filhos de terras sertanejas, distantes dos bramidos do mar.

Acompanhei a vida áspera de Argemiro e sua brilhante ascensão. Talvez não tivesse sido áspera, se seu pai, pequeno mas próspero ruralista em Jaraguari, não o tivesse deixado cedo na orfandade. É verdade, encontrou nobres cirineus e o supremo acalanto do amor maternal. Entre esses cirineus, o mais piedoso talvez, fosse D. Zaíra, esposa e vivandeira de Abrão Júlio Rahe, libanês bom, nobre e que sabia viver para os outros, que fundou sua casa no já longínquo 1912. Argemiro trabalhava no armazém dos Rahe. Sua tarefa, entre outras, era a de lavar garrafas para envasamento de álcool, vinagre e aguardente. Mas quando chegava a hora de ir para a escola, com serviço ainda a fazer, D. Zaíra mandava-o interromper a faina e o substituía até lavar a última garrafa.

Mais tarde, depois de longa e porfiada luta, alcançada a ambiciosa láurea acadêmica, voltou vaidoso e triunfante à terra do berço. Aqui, para ele, as suas vitórias teriam outros cânticos que não alhures, repercutiriam na admiração dos seus conterrâneos e chegariam mais de perto ao encantamento de sua mãe. Bem apessoado, voz forte e sonora, inteligência ágil e cintilante, empolgava na tribuna do júri e por longo tempo passeou nela como *chanteclair* em seu terreiro. Mais o fascinava a tribuna a céu aberto, falando às massas e ouvindo-lhes o calor dos aplausos.

Largamente aparentado, mormente de pequenos ruralistas, ex-professor de centenas de moços, sua escalada na vida, acidentada e brilhante, e sua condição de ser o único conterrâneo a postular nos auditórios locais, tudo isto coletava-lhe imensas simpatias populares. Disso fez um teste nas urnas, obtendo segura votação que o levou à Constituinte de 46.

Não se destacou no parlamento. Se tinha pundonor e bravura pessoal capazes de levá-lo, sem atoardas e gestos teatrais, à violência, tinha descaídas para a timidez. Lá se entibiou de enfrentar o grande plenário com a recusa pronta e maciça do seu projeto, que pretendia assegurar ao analfabeto o direito de voto. Ao lado desses insucessos, os seus adversários políticos moviam-lhe campanha subterrânea e pérfida. É verdade, atuava nas comissões. Na Comissão de Direito Social logrou assegurar ao trabalhador diarista o domingo remunerado.

Talvez pela sua formação provinciana, timidez e origem camponesa, preferia o convívio dos simples e humildes, dilargando a sua popularidade. A repercussão dos seus triunfos durava menos que a angústia que o pungia na procela dos seus conflitos íntimos.

Um dia cavaqueávamos e nos pusemos a examinar a vida de lutas daqueles rapazes que quiseram guiar naus nas tempestades dos mares. Todos venceram, em maior ou menor escala. Argemiro me surpreendeu, dizendo-me: – Todos, menos eu!

Redargüi-lhe: – Você, principalmente você, que escalou mais alto.

– Como?

– Como? Pois você é advogado, tribuno, homem de patrimônio sólido, foi deputado federal e o será na nova legislatura! Que mais você quer, rapaz?

E Argemiro, na plangência de um desabafo: – Eu, não! O homem que chega à minha idade e não se casa é um desamparado. Tudo o mais, embora pareça sólido, é irisadas bolhas de sabão...

Já me distancio muito do propósito desta página, que é assinalar uma curiosa coincidência do ingazeiro na vida de Argemiro. Dizia freqüentemente que preferia o Hotel Globo pelo famoso bife do Salustiano Suarez e pelos ingazeiros plantados à calçada a dar sombra farta e gostosa. Filho amorável, comprou uma casa de residência para D. Amélia. Por acaso ou não, um ingazeiro a protegia e enfeitava.

Tragado pelas águas do Aquidauana, somente um trabalho tenaz e penoso permitiu fosse encontrado o seu corpo a quatrocentos metros à jusante do ponto onde a fatalidade o empurrara para a morte. Os escafandristas que o procuraram observaram um fato que lhes pareceu muito singular; o rio, nas suas nascentes, tem a superfície tranqüila, no entanto, o seu leito é revoltado com um impressionante movimento de terra e pedras a rolar. E mais uma coincidência se notou: o corpo do tribuno, já quase sepulto sob a areia, estava precisamente no local onde um ingazeiro deita suas frondes verdes sobre as águas.

Seu túmulo igualmente assinala mais uma coincidência. Está protegido pela umbela de um ingazeiro, tão grande e bela, acolhedora e piedosa, que serve de zimbório para a liturgia da missa que a igreja celebra no Dia de Finados, na nossa principal necrópole.

Ao orador empolgante, ao moço que soube lutar e vencer, não faltaram nunca os aplausos do seu povo e a companhia umbrosa e verde da árvore que tanto amou.

* * * *

O meu algibe

Andaria meu pai pelas enluaradas estradas da vida, engolfado em sonhos e fantasias, se o não chamassem à realidade o seu amor pela família e o seu profundo senso de responsabilidade. Logo que se casou, em Corumbá, construiu casa própria em duas ou três etapas, a peso de sacrifícios e renúncias, amparado e estimulado pela excelsa companheira que Deus generosamente lhe dera.

Nossa casa ficava no extremo oriental da cidade, entre terrenos baldios. Do solo duro, pedregoso, calcário, emergia uma vegetação espinhosa e agressiva, de cansanção, olho-de-boi, tuna e aromita; de fronde sempre verde, espessa e larga, somente a bela e acolhedora água-pombeira. Na frutificação dos feios e agrestes cansanções, vinham e partiam, em algazarra, revoadas de verdes papagaios. Entre nossa casa distante e a cidade, um sulco largo e profundo, transformado em torrente violenta e perigosa, no tempo das chuvas, vencido mais tarde por longa ponte, de três altas abóbadas.

A cidade não dispunha de rede de água. Aguateiros, em carroças de bois ou de muares, providas de duas bordalesas postas em sentido horizontal, vendiam de casa em casa o líquido essencial à vida. Lá um dia veio a canalização, que não alcançou nossa casa, nem mesmo o nosso bairro. Pouco a pouco os aguateiros foram desaparecendo. Eu era garoto e uma nova tarefa me surgiu, sem prejuízo do meu horário escolar, de dois longos períodos: ir buscar água, além da ponte, na casa alegre e generosa dos primos Mário e Belinha. De começo, uma lata de querosene ao ombro, mão esquerda espalmada ao invés de rodilha, coberta de folhas de guatambu para não transbordar; depois, para reduzir as caminhadas, duas latas nas extremidades de uma vara. Buscava água para lavar roupa, beber, tomar banho e cozinhar, molhar roseiras, dalias e tinnorões. Dei-me ao direito de ter um canteiro de bandeiras-espanholas e uma rosa-trepadeira, que por sinal nunca deu rosas. Para poupar-me de novas caminhadas, eu era parcimonioso, dando a cada planta apenas um ou dois canecos de água, logo absorvidos, gulosamente, pela terra ressequida, queimada pela soalheira ardente. Tinha a doce e ingênua impressão de que o vegetal ficava mais verde, mais alegre e agradecido, porém, a pedir-me mais água. Eu vacilava. Tinha pena de não o atender

e tinha pena de mim mesmo de dar uma caminhada. Acabava dando-lhe mais um pouco de água.

Lourival, já querendo ficar taludinho, ajudava-me. Quando ficasse homem não teria estatura avantajada, mas altíssima compostura moral, inteligente e bom, tão humano que se refletem nele todas as angústias de todos os amigos.

Prudente e generoso, meu pai passou a forçar pequenas economias e a planejar a construção de uma cisterna subterrânea, alimentada por águas pluviais. Um dia, alegre, exultante, inundando a casa feliz de mais felicidade, anunciou que naquela semana começaria a construí-la. Notícia, assim, tão alvissareira, poucas vezes na vida recebi. Seria a supressão de um trabalho quotidiano demorado e monótono, sobretudo minha volta plena às águas do Paraguai. Ajustada a construção com o português Daniel, Gular, preto, alto, forte, curvado, envolto numa tanga de saco de sarapieira, começou a cavar o solo, duro, calcário e compacto. Por longas semanas o preto brandiu sua picareta e sua pá. Milímetro a milímetro eu acompanhava a escavação, entre alegre e receoso das ferramentas retinirem numa rocha imperfurável. E aí? Eu à borda do fosso torcia, uma torcida aflita, espoliativa de emoções. Pronta finalmente a cavidade, de forma cilíndrica, começou o seu revestido de tijolos bons, com vibrações de louça, argamassados com cimento da Itália e a famosa areia da lagoa de Mandioré. O meu algibe ficou pronto.

Eis-me agora a sonhar, vendo-o cheio de água cristalina e fria, que não roçara as impurezas da terra, vindas da amplidão e filtradas nas nuvens vizinhas das estrelas. Rosto para o céu, a perscrutá-lo, a sondá-lo, a pedir chuvas. Nada. Um mês, mês e meio, dois meses e o firmamento claro, escampo, rútilo. O sol continuava a esbrasear o chão seco, gretado, todo comburido. Poeira fina e branca cobria tristemente as árvores e as árvores crestadas pareciam espectros de árvores e não árvores. Só as águas-pombeiras pompeavam as suas umbelas, maravilhosamente verdes com o sangue da clorofila a correr-lhes, fartamente, por todas as veias. Nem sei se zombavam das suas irmãs esquelidas ou se ofereciam sombra farta aos homens e aos pássaros.

Nada de chuva, nem de nuvens prenunciadoras de águas para meu algibe, águas para aquelas árvores, águas para as entranhas calcinadas da terra. O zimbório do céu, azul, luminoso e causticante, irritava-me.

Uma noite acordei com violentas trovoadas e relâmpagos numa sucessão de relâmpagos azuis que enfeitavam o negrume da noite. Logo um aguaceiro estrondava sobre o telhado de telhas-vãs de nossa casa. Águas em catadupas, às pampas. Uma festa nupcial do céu e da terra para fecundação da terra. Em alvoroço e deslumbramento fui à cama de uma das minhas irmãs, que dormia. Sacudi-a levemente. Com mais força depois. Acordei-a.

– Cacilda, Cacilda, está chovendo!...

– Hum!

– Mas está chovendo, Cacilda!

Fui à outra cama, de uma irmã adotiva.

– Elisa, olha a chuva!

– Deixa, uai!...

Continuavam a cair torrentes de ouro líquido. Meu quarto não tinha janelas, somente portas inteiriças. Entreabro uma delas. Agora não ouço apenas; vejo, lá fora, chuva grossa, forte, rugindo, cascadeando por entre as pedras do quintal. Amanhã, cedo, irei ver o meu algibe, bater bomba, tirar-lhe água e bebê-la. Mas não alvorecia. Noite curiosamente longa, que não se acabava nunca, madrugada que não dealbava. Teria na vida outras noites demoradas, intermináveis, amargas, sem despontar de auroras; aquela, entretanto, era de fremência, fascinação e deslumbramento. Do outro quarto, varando a noite, suave e cariciosa, uma voz me pedia: – Vai deitar, meu filho... Compreensiva, não me dizia “vai dormir”.

Na penumbra da antemanhã, quando todos ainda repousavam, sob a chuva que ainda não cessara, fui ver o meu algibe. Que decepção, meu Deus! De chofre e tão grande assim, outra ainda não tive. Estava transbordante de água, cascalho e lama, entrados por uma fenda, aberta para a bomba de sucção, que o Daniel não fechara. E uma voz buscou consolar-me:

– Não poderíamos mesmo aproveitar as primeiras águas. Teriam gosto de cimento verde...

– Mas serviriam, mamãe, para lavar roupa, tomar banho e dar-se às plantas...

Rareada a chuva, fui à procura do Gular, a mando do meu pai, para que fosse esgotar o *meu algibe*. Atravessei charravascais até o encontrar no seu casebre de paredes e teto de latas de querosene.

– Tá bão. Mas só quando pará a chuva...

Antes de o fazer, sobreveio a estiagem. Pus ao ombro as latas de água e recomecei minha tarefa. Olhos voltados para o céu, sondava-o, perscrutava-o em busca de nuvens. E o céu continuava azul, escampo, luminoso e o sol a cintilar, a secar a terra e a comburir as árvores...

A morte do seresteiro

Meus amigos Plínio Martins, Gabura e Gamba incentivam-me a escrever a história do crime em Campo Grande. Pretendo um dia fazê-lo.

De todos os crimes que sei, colhidos de oitiva, lidos nas gazetas e nos processos criminais, o que mais me feriu a sensibilidade, embora sem repercussão e dramaticidade, mas em parte assistido por mim, foi o assassinio de Nenê Guató. De boa família corumbaense, veio ele para Campo Grande, em 23 ou 24, abrigando-se na casa generosa e alegre dos irmãos Rabelo, situada numa ponta de lança, ou seja, na junção das Ruas 13 e 14, no ermo e perigoso bairro do Cascudo, quartel-general de celerados. Hoje, o Cascudo ostenta igrejas, educandários religiosos, clubes e mansões e à sua entrada museu, faculdades de Direito e Filosofia, tanto que Dom Orlando, quando abençoou o Grupo Escolar Nicolau Fragelli, chamou-o de bairro santo e propôs se lhe trocasse o nome pelo de São Francisco.

Nenê era tarraco, abugrado, descuidado com a roupa e consigo mesmo, trazendo a camisa sempre aberta, mostrando o peito bronzeado e forte. Todas as noites passava pela nossa casa, na Rua Antônio Maria Coelho, rumo à casa amiga que o acolhera. Seresteiro solitário e triste, sempre a cantar sua canção predileta, fundo musical da sua alma vadia. Nostálgicos e plangentes não eram propriamente os versos, mas a melodia que se espalhava no silêncio da noite como dorida litania e murmúrios do mar.

Chuá, chuá e as águas rolaram
para as ondas do mar...
chuá, chuá.

Deram ao boêmio o cargo de aprisionador de animais soltos nas vias públicas. Pegava-os e encerrava-os no curral do concelho, designação curiosa que vem de longe, das Ordenações Manuelinas, arcaizada, cheia

de mofo dos anos e que ainda se enraíza nos códigos de posturas e nos editais de burgos nascentes. Exercer essa função naqueles tempos tumultuosos era trazer-se no bolso o atestado do próprio óbito. Quando deram a Nenê o seu título de nomeação, deram-lhe, concomitantemente, o da sua própria morte. E ele, ingênuo como todos os boêmios, não o sabia.

Igualmente passava pela nossa casa, todos os dias, trepado na sua carroça, o Artur Carroceiro, pernambucano de estatura média, forte, bem entroncado, de olhos verdes e fossas nasais desmesuradamente abertas. Antes de residir em Campo Grande, residira em Corumbá, trazendo e levando contrabandos, com tropas de burro e guarda-costas. Não os trazia dali, de Porto Suarez, mas de longe, de Santa Cruz de La Sierra, tiroteando com guardas aduaneiros, policiais e salteadores, esquivando-se e agredindo, ferindo e matando, fascinado pela vida aventureira.

Dois ou três dias depois de empossado, Nenê apreendeu um animal de carroça. O cancioneiro não tinha anjo da guarda ou tinha e fez gazeta, foi brincar no céu de ciranda-cirandinha, senão tê-lo-ia advertido: Nenê, esse cavalo, não! É do Artur Carroceiro...

Minha rua, de dia, era aureolada de sol, bonita, alegre, buliçosa com a algazarra dos garotos e o vaivém das carroças madrugadoras dos afanosos japoneses a enceleirar provisões. Quando o dia fugia, era deserta, lóbrega, escura e ameaçadora. Em frente à minha casa havia um poste de guatambu, protegido por dois moirões de aroeira, que chegou a servir de tocaia, e mais adiante, um lixeiro, com alentado pé de cumbaru, onde um bandido por vários dias atocaiou, em vão, a sua pretensa vítima. Desse ponto mesmo, numa noite, partiram os assassinos do uberabense que fundou o Rio Branco, um dos nossos cinemas pioneiros.

Certa noite, a desoras, não vi Nenê passar. Ouvei, entretanto, a sua voz, aveludada e morna, na sua canção favorita.

Chuá, chuá... e as águas rolaram
para as ondas do mar...
Chuá, chuá...

Se a melodia era triste, mais triste a voz do cantor. Simples, ingênuo, mergulhado em devaneios, talvez em saudade, continuava a cantar, a caminho da morte, a identificar-se para seu algoz, que tinha o acumplicia-mento do manto negro da noite. Nem da terra, nem da abóbada infinita,

cheia de estrelas e de astros, de murmúrios e de mistérios, partiu um grito: – Volta, Nenê. O Artur está de tocaia!

Súbito um estampido. Mais dois. Espaçados, cronometrados, indicando que quem os deflagrava era senhor dos seus nervos e da vida de sua vítima. Calou-se a voz. Cessaram os estampidos. Sobreveio um silêncio espesso, prolongado, amortalhando o morto. Na manhã seguinte o corpo de Nenê Guató estava de borco na Rua 13, na grama fria, molhada de orvalho e empapada de sangue. Calara para sempre a voz do cancionero solitário e triste, ingênuo como todos os moços.

Há poucos meses encontrei-me com Artur Carroceiro. Ainda está forte, sólido, pupilas sem névoas e reações prontas. Não me contive e perguntei-lhe de chofre: – Artur, por que você matou Nenê? – Não *foi* eu, não. *Foro* os baianos. Fui preso, processado e *sorto!*...

Hoje, mais de quarenta anos depois, noites há que pervago o passado. Volto à minha rua, vejo o vulto do cancionero no negrume da noite e aos meus ouvidos ressoa a sua voz plena, plangente e cheia de mágoas:

Chua, chua... e as águas rolaram
cheias de mágoas, para as ondas do mar.

Motivos de um título

Largo, sereno, enfeitado de pássaros e de flores, o Paraguai rolava majestoso e plácido, belo como igual outro não vi. Carregava exuberantes vitórias-régias, brancas pela manhã, róseas ao sol-posto, e lentos camalotes, que exerciam sobre mim estranho fascínio. Cor verde-musgo, flor violácea e perfume suave, raízes longas, profundas, entrelaçadas e compactas. Vogavam docemente no dorso da corrente, parando nos remansos, sem pressa, com pena de deixar ribeiras amigas, temerosos da foz e do mar que os iriam despedaçar.

O poeta corumbaense Pedro Paulo de Medeiros assim os descreveu:

Verdes, ao léu, silenciosos,
ei-los a esmo passando,
lembram barcos vagarosos
sentidas mágoas levando.

Insisto num desconforto:
– Que destino levais?
– Remoto! Ao nosso porto
não se volta nunca mais!

Da nascente à embocadura o Paraguai é homogêneo. Coloração das águas, barrancas, fauna alada e plantas aquáticas são curiosamente iguais e não me pareceu nunca um acidente geográfico a separar dois povos mas uma gigantesca espinha dorsal a uni-los sempre. Minha infância parece que vaga nas suas praias. É que se não tive nela atrações do asfalto, tive as desse rio, mergulhando e flutuando nas suas águas, de permeio com vitórias-régias e camalotes.

Adolescente galguei os altiplanos da serra de Maracaju e aqui me fiquei indiferente aos cantos de sereia que por vezes ouvi soar lá fora. A cidade me foi aconchegante. Deu-me muito, ofereceu-me mais. Meu primeiro clube de futebol, meus idílios, minhas excursões pelas estâncias vizinhas, a cata buliçosa das guaviras, a minha gente generosa e acolhedora, a Rua 14, os troles puxados a dois cavalos com japonês na boléia, as batalhas de confetes e serpentinas são laços que me prenderam à terra galharda e dadivosa.

Se eu morrer alhures, onde quer que seja, morrerei um exilado e um proscrito de mim mesmo. Como sucedia aos antigos egípcios, minha alma, aflita e errante, esvoaçaria pelo Infinito sem nunca encontrar abrigo. Aqui não morreria de todo. Ouviria o passo e a voz dos meus amigos, o gorjeio dos pássaros que amo, o farfalhar das frondes que conheço e o bater do coração da minha casa.

Camalotes dos verdes e infindáveis pantanais de Corumbá e guavirais desses dilatados chapadões, eis o motivo do título desta coletânea de crônicas perdidas em revistas e jornais. Evocam pessoas e coisas, árvores, riachos, pedaços de rua, naves de igreja, sussurros do Prosa e do Segredo, que são dolentes confidências que sei interpretar. Tudo se transforma em fragmentos da minha própria alma.
